

Os sentidos construídos pela literatura – Graciliano Ramos

internalizados e transformados em sentidos, é porque foram – e continuam sendo constituídos pelos homens, em sua atividade no mundo social e histórico. (AGUIAR, 2011, p.191)

DAYANE CABRAL LEITE

A proposta deste artigo é discutir como a literatura atua na produção de sentidos e significados, estabelecendo um diálogo entre homem e mundo de forma anônima e indispensável, influenciando na forma como cada indivíduo internaliza suas informações e as torna singular, utilizando como base de análise Graciliano Ramos em sua obra *Infância*. Vale destacar que o presente texto nasceu como proposta de trabalho final da disciplina Crítica Literária, ministrada pela professora Nilma Gonçalves Lacerda, no Programa de Especialização em Literatura Infantojuvenil, da Universidade Federal Fluminense.

A forma como um ser humano adentra a cultura de seu povo está diretamente ligada à forma de conduzir futuramente sua vida e nos sentidos e significados construídos ao longo do tempo. De acordo com Vigotski (2009, p.465), “o significado de uma palavra é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata” já o sentido real de uma palavra é inconstante, e contém mais do que revela, Aguiar (2011) corrobora que “a dimensão semântica da palavra não consegue traduzir – ou expressar – todas as possibilidades de registro da realidade” (p.191) e completa seu esclarecimento dizendo:

a unidade fundamental sentidos não reside na cognição e, sim, na emoção, a qual não é, de modo nenhum facilmente – ou de maneira imediata – identificável. Sem esquecer a tensão dialética que constitui a significação – processo de produção de significados e sentidos – salienta-se que, se os primeiros serão

Montes (1999) apoia que as palavras ocupam todos os espaços de nossa vida, pois vivemos em um mundo nomeado, com significações que nos ajudam a compreender um lugar construído de sentidos oportunizados pela vivência humana, pela cultura e, claro pela literatura. Graciliano era uma pessoa que buscava compreender o que estava além das palavras, não se contentava com explicações que não produziam sentido e eram carregadas de generalidades.

Súbito ouvi uma palavra doméstica e veio-me a ideia de procurar a significação exata dela. Tratava-se do inferno. Minha mãe estranhou a curiosidade: impossível um menino de seis anos, em idade de entrar na escola, ignorar aquilo. Realmente eu possuía noções. O inferno era um nome feio, que não devíamos pronunciar. Mas não era apenas isso. Expressava um lugar ruim, para onde as pessoas mal-educadas mandavam outras, em discussões. E num lugar existem casas, árvores, açude, igrejas, tanta coisa, tanta coisa que exige uma descrição. Minha mãe condenou a exigência e quis permanecer nas generalidades. Não me conformei. Pedi esclarecimentos, apelei para a ciência dela. Por que não contava o negócio direitinho? Instada, condescendeu. (RAMOS, 1978, pp. 75-76)

Graciliano questionava em busca de afirmações, mesmo que extraordinárias, apenas, afirmações que o permitissem imaginar. Vigotski (2009 p.46) afirma que “a criança é capaz de imaginar bem menos que um adulto, mas ela confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos.” O adulto poderia, por sua bagagem histórica, imaginar de forma mais articulada que uma criança, mas não se permite, já a criança, com menos experiência de vida, acredita no pouco que conhece.

Graciliano continua com seus questionamentos, nem sempre exteriorizados,

A literatura na vida de Graciliano aconteceu de forma inesperada e distante do ambiente escolar e permitiu manter a diferença dos seus.

mas presentes, frutos de um período de intensa crise econômica, disputas políticas e incertezas que calavam a população e refletiam diretamente em sua família. Suas relações sociais não são marcadas pelo afeto, tolerância e lealdade, e sim pelo desajuste de uma família que tenta se adequar aos padrões estabelecidos, mas que corre contra a corrente sem chegar à vida coletiva familiar. Sua mãe, poucos anos mais velha, permitia curtas tréguas em seu cenho franzido e dava a ele um ambiente hostil que o acolhia sem acolher e destacava suas diferenças de modo pejorativo, tratando, por exemplo, de sua inflamação nos olhos com repúdio.

Sem dúvida o meu aspecto era desagradável, inspirava repugnância. Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: besouro-encourado e cabra-cega. [...] Essa injúria revelou muito cedo minha posição na família: comparado ao bicho infeliz considere-me um pupilo enfadonho, aceito a custo. Zanguei-me, permanecendo exteriormente calmo, depois serenei. Ninguém tinha culpa do meu desalinho, daqueles modos horríveis de cambembe. Censurando-me a inferioridade, talvez quisessem corrigir-me. (RAMOS, 1978, p. 136)

Andruetto (2017) aponta que:

“a dificuldade de incluir pessoas diferentes de nós parece ter sido uma constante em nossa história, talvez também nas histórias de outros povos. De escutar, de prestar atenção ao que ouvíamos, de voltar os olhos ao que permanecia excluído, esquecido ou negado [...]” (p. 124)

Graciliano era diferente dos seus. Faria (1978) completa que o menino Graciliano nunca morreu, que sua timidez, seu pessimismo e sua revolta eram do pequeno Graciliano e que o sentido que tinha do humano era o que

adquiriu no contato com os homens que o cercavam, em suas primeiras relações e suas primeiras ordens e que marcavam suas fraquezas. “Os homens, variações do homem – desse homem no qual o menino se transformou, contra quem lutou a vida inteira, mas que jamais conseguiu dominar inteiramente”. (FARIA, 1978, p. 257)

A literatura na vida de Graciliano aconteceu de forma inesperada e distante do ambiente escolar e permitiu manter a diferença dos seus. Sua primeira experiência com a leitura foi dolorosa, marcada pelo côvado que castigava suas mãos e não produziam sentidos à sua vivência. “Conseguia gaguejar sílabas, reuni-las em palavras e, gemendo, engolindo sinais, articular um período vazio.” (RAMOS, 1978, p. 109). Vigotski (2009, p. 398) nos diz que a palavra, quando desprovida de significado, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. Assim, é possível compreender que o gaguejar de sílabas não construía sentidos em Graciliano. A segunda tentativa foi com Mocinha, de forma branda gaguejou sílabas por mais um mês e no fim da carta de alfabetização as sílabas graves e obscuras o deixavam atordoado.

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber o que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

–Mocinha, que é o Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse um homem. Talvez fosse. ‘Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.’

–Mocinha, que quer dizer isso? Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções. (RAMOS, 1978, p. 107)

As letras produziam no menino Graciliano sentidos sem significados, verdadeiramente os significados não faziam parte ainda de seu gaguejar, mas os sentidos construídos pelas letras representavam a dor, fruto da vaidade do pai em mostrar o filho alfabetizado como um produto de seu trabalho.

Quando ia cicatrizando as lesões causadas pelo alfabeto, anunciaram o designio perverso – e as minhas dores voltaram. De fato estavam apenas adormecidas, a cicatrização fora na superfície, e às vezes a carne se contraía e rasgava, o interior se revolvia, abalavam-me tormentos indeterminados, semelhantes aos que me produziam as histórias de almas do outro mundo. Desânimo, covardia. (RAMOS, 1978, p. 111)

A escola como instituição não fazia parte de seus pensamentos, não imaginava frequentá-la, pois era um menino que deslizava como sombra, tinha bom comportamento, fazia brincadeiras silenciosas e acima de tudo, não incomodava pessoas grandes com perguntas já a escola era lugar de castigo para crianças rebeldes.

A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a resolução de meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. Certamente haveria uma tábua para desconjuntar-me os dedos, um homem furioso a bradar-me noções esquivas. Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços. Não me defendi, não mostrei as razões que fervilhavam em minha cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência. (RAMOS, 1978, pp. 111-112)

Graciliano havia produzido o sentido da dor na construção das palavras e temia que a dolorosa experiência proporcionada por seu pai continuasse com vigor na escuridão das paredes que guardavam meninos rebeldes. A grata surpresa acontece com a brandura, voz mansa e cheiro agradável daquela mulher. Dona Maria criou tranquilidade e poliu as ásperas tentativas anteriores com sua serenidade, sem nunca permitir que a cólera a tomasse.

Felizmente D. Maria encerrava uma alma infantil. O mundo dela era o nosso mundo, aí vi-

via farejando pequenos mistérios nas cartilhas. Tinha dúvidas numerosas, admitia a cooperação dos alunos, e cavaqueiras democráticas animavam a sala. [...] A escola exigia a palmatória, mas não consta que o modesto emblema de autoridade e saber haja trazido lágrimas a alguém. D. Maria nunca o manejou. Nem sequer recorria às ameaças. Quando se aperreava, erguia o dedinho, uma nota desafinava a voz carinhosa – e nós nos alarmávamos. (RAMOS, 1978, pp. 117-118)

D. Maria trouxe significado para as palavras, significados que possibilitavam não gostar dos passarinhos e outros irracionais falantes do Barão de Macaúbas, mas que a gentil professora traduzia em palavras simples que desvendavam o mistério contido nas palavras e permitiam a Graciliano compreender, mesmo que inicialmente, os motivos de escrever. As mudanças de cidade e de endereço o fizeram conhecer novos professores que não encerravam uma alma infantil, pelo contrário, possuíam braços vigorosos que sacudiam as orelhas e manejavam a palmatória reascendendo o sentido da dor no menino.

Um momento marcante na vida do autor aconteceu aos nove anos de idade. Já adulto entende que naquela idade era quase analfabeto e sentia certa inveja da ‘perfeição’ da vida dos Mota Lima, seus vizinhos que frequentavam uma escola decente, pois seu currículo escolar não era dos mais primorosos. As escolas que frequentou eram salas em cômodos de uma casa com outras pessoas presentes realizando atividades diversas que produziam horas de suplício no seu lugar de estudo.

O lugar de estudos era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 1978, p. 195)

Graciliano estava tocado pelas palavras, precisava ler, precisava ser conduzido pela linguagem a um caminho para encontrar sua própria vida.

Não compreender o significado das palavras afastava o pequeno Graciliano dos livros, até que de forma inesperada, seu pai, que o marcou com o cômico durante suas primeiras letras, mandou buscar um livro que deixara na cabeceira da cama. Graciliano, espantado com seu pai que nunca se dirigia a ele, mandou sentar e abrir o volume. Sua leitura foi como de costume, com palavras mastigadas e gaguejadas por toda a página. Surpreso por não ouvir gritos, virou a folha e continuou a leitura como se fosse um carro em estrada cheia de buracos. A paciência peculiar o fez pensar que alguma dívida antiga tivesse sido paga. No meio do capítulo interrompeu a leitura e explicou que o livro se tratava de um romance e traduziu em “**linguagem de cozinha**” as expressões presentes na obra, fazendo florescer, mesmo de forma tímida, um novo sentido nos livros. “**Alinhabei** o resto do capítulo, diligenciando penetrar o sentido da prosa confusa, aventurando-me às vezes a inquirir. E uma luzinha quase imperceptível surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas do meu espírito.” (RAMOS, 1978, p. 196).

A criação fruto da imaginação capturou o pequeno Graciliano e o fez mergulhar no universo criado por seu pai no momento que, com paciência, lhe deu atenção e traduziu em palavras que o permitiam compreender as expressões literárias presentes no livro.

Recolhi-me preocupado: os fugitivos, os lobos e o lenhador agitaram-me o sono. Dormi com eles, acordei com eles. As horas voaram. Alheio à escola, aos brinquedos de minhas irmãs, à tagarelice dos moleques, vivi com essas criaturas de sonho, incompletas e misteriosas. (RAMOS, 1978, p. 196)

A repetição do momento não teve continuidade. Por duas noites a leitura e as explicações vieram, entretanto na noite seguinte recebeu apenas um gesto que encerrava o prazer

de construir significados e sentidos em seu processo de leitura.

Nunca experimentei decepção tão grande. Era como se tivesse descoberto uma coisa muito preciosa e de repente se quebrasse e o homem que a reduziu a cacos, depois de me haver ajudado a encontrá-la, não imaginou a minha desgraça. A princípio foi desespero, sensação de perda e ruína, em seguida uma longa covardia, a certeza de que horas de encanto eram boas demais para mim e não podiam durar. (RAMOS, 1978, p. 197)

Graciliano estava tocado pelas palavras, precisava ler, precisava ser conduzido pela linguagem a um caminho para encontrar sua própria vida. Andruetto (2012) completa que assim como a vida o texto desenvolve um movimento a partir de um ponto de equilíbrio precário para outro equilíbrio também precário e Graciliano migrava de uma precariedade absoluta para momentos de encanto e temia que o encanto chegasse ao fim. E o pequeno migrou. Penetrou em algo novo, até então negado, acordou o que estava quieto e migrou para o que não compreendia dando forma ao incompreensível. Ingressou em um lugar que precisava conhecer melhor, desesperado, analisou suas possibilidades e viu em sua prima Emília alguém com que poderia contar para acompanhar suas leituras. E sua resposta foi a que fez toda mudança ganhar sentido.

Emília combateu minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu. Não no céu onde moram Deus Nosso Senhor e a Virgem Maria. Esse ninguém tinha visto. Mas o outro, o que fica por baixo, o do Sol, da lua e das estrelas, os astrônomos conheciam perfeitamente. Ora, se eles enxergavam coisas tão distantes, porque não conseguiria eu adivinhar a pá-

gina aberta diante dos meus olhos? Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras? (RAMOS, 1978, p.198)

Emília havia alargado a nascente fronteira indômita de seu primo. Possibilitou que ele questionasse, que pensasse sobre suas leituras, que permanecesse no (ainda) estreito território indômito que o colocava em uma posição privilegiada entre a mera acomodação do lado de fora e a loucura. Nas palavras de Rivas, Emília colocou Graciliano em harmonia com ele mesmo, havia um desencontro que o tornava incrédulo de suas capacidades e a fala da prima o colocou em local de um ser capaz, abriu seu corpo e fez brotar uma literatura insurgente.

Esa é a natureza da relación entre corpos abertos. Tamén de quem escribe e de quenleco libro. Antes de abrirse, o libro tem a forma da man pechada. Cando o abrimos, el nos abre a nós. Érguenos. Ponnos em vilo. Esa é a felicidade clandestina dos corpos abertos. (RIVAS, 2010, p. 4)

A negação do direito à literatura se fez presente em seus primeiros anos de vida e escolaridade e, quando teve acesso, sua busca quase clandestina foi fundamental para a transformação do menino em escritor, da compreensão dos motivos para escrever. Muitos poderiam questionar a respeito da literatura como um direito negado em meio à crise política e econômica característica do período, como não sendo direito fundamental, mas apoiada em Candido é possível afirmar que certamente quem pensa que seu semelhante pobre necessita apenas de moradia, alimentação, saúde e educação e que não há falta em não conhecer os sentidos que a literatura ou a música podem construir em um homem não compreende o conceito de bens incompressíveis.

Candido (2004) defende que:

Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. [...] O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à di-

visão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. (p.173)

A literatura em sua sutil riqueza assume muitos saberes, que simples palavras não conseguem traduzir. Barthes (2013) completa que a literatura trabalha nos interstícios da ciência, pois “a ciência é grosseira, a vida é sutil e é para corrigir essa distância que a literatura nos **importa**” (p. 19) A literatura foi fundamental na vida de Graciliano, sua sede de ler o fez buscar livros em lugares que não faziam parte de seu convívio social. Devorou a biblioteca de Jerônimo Barreto. Os livros traziam saberes a Graciliano.

Conheci desse jeito várias cidades, vivi nelas, enquanto os pequenos em redor se esgoelavam, num barulho de feira. O rumor não me atingia. Em vão me falavam. Sacudido, sobressaltava-me, as ideias ausentes, como se me arrancassem do sono. Olhavam-me estupefatos, devagar me inteirava da realidade. (RAMOS, 1978, p. 219)

E os saberes construídos por Graciliano comprovam o que diz Barthes (2013) a respeito da literatura: “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.” (p. 19) As palavras que eram som sem significado e com sentidos de dor agora assumiam novas configurações, e faziam brotar nova vida no menino Graciliano. Assim, a literatura alimentou a vida do menino que se transformava em homem, permitiu a ele conhecer cidades, viver nelas agora com sentidos e significados .

“porque ela (a literatura) encena a linguagem, em vez de simplesmente utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático. (BARTHES, 2013, p. 20)

O menino Graciliano nunca morreu,

como afirma Faria (1978), ele se faz presente e marcante por toda a vida do adulto Graciliano na forma de uma timidez, de um pessimismo e revolta incomuns, mas estava também na imaginação, na fronteira indômita da criação e na escrita que se tornava refúgio, a luz infantil dentro do homem adulto movido por seu menino interior que imagina e cria mesclando a imaginação indomada do menino com a bagagem de combinações imaginativas do homem adulto.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. *In*: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 5ª ed. Cortez – São Paulo, 2011.

ANDRUETTO, María Teresa. A leitura, outra revolução. *In*: Caderno Emília. Ano 1, n.º 0 – 2017. Disponível em: http://revistaemilia.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-Em%C3%ADlia_N_o.compressed.pdf . Acesso em 12/10/2019.

_____. Por uma literatura sem adjetivos. Tradução: Carmem Cacciacarro – São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 07 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

FARIA, Octávio de. Graciliano Ramos e o sentido do humano. *In*: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Posfácio Otávio Faria. 14ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

MONTES, Graciela. La Frontera indómita. *In*: _____. *La Frontera indómita: en torno a la*

construcción y defensa del espacio poético. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Posfácio Otávio Faria. 14ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

RIVAS, Manuel. A literatura infantil e juvenil como poesíainsurxente. *In*: 32º Congresso Internacional de IBBY. Santiago de Compostela, 8-12 set. 2010. Disponível em: http://www.ibbycompostela2010.org/descarreras/cp/Cp_IBBY2010_7-gl.pdf Acesso em 18/05/2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores*. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka e tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009

SOBRE A AUTORA

DAYANE CABRAL LEITE é Mestre em educação pela UFMS, Especialista em Literatura Infanto-Juvenil pela UFF, Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Maricá com atuação na Educação Infantil, Integrante do Grupo de Pesquisa LeLis/UFF e Articuladora Acadêmica do Consórcio Cecierj.